

**VICENTE**

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

---

José Camões  
FADAS

---

**Quimera**

LISBOA 1989 | e-book 2005



O texto do *Auto das Fadas* está inserido no livro quarto da *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* – o das farsas – sem indicação de data nem local de representação, tal como acontece com o *Auto dos Físicos*. Todas as outras farsas estão localizadas no tempo e/ou no espaço e o editor organizou-as cronologicamente. *Fadas* encontra-se entre *Velho da Horta* (1512) e *Inês Pereira* (1523). Mas o texto fornece dados para a sua contextualização. A dar fé a um verso do sermão pregado pelo frade, o auto terá sido projectado para representação em Lisboa: *Por eso está cara esta vuestra Lixbona* (210.05). No mesmo sermão, o frade apela a *convertere ad dominum* (210.07), exclamação das cerimónias religiosas da semana santa – quarta, quinta e sexta-feira – e a época da Páscoa aparece referida na estrofe seguinte: *cirio pascoal* (210.11). Os estudiosos têm apontado as balizas 1511 (Braamcamp Freire 1919) e 1527 (Révah 1960). São datas muito distantes que correspondem a épocas distintas na produção teatral de Gil Vicente: os reinados de D. Manuel e de D. João III. Inclino-me para a proposta de Braamcamp Freire, pois o texto refere o *príncipe* e as *ifantes*, ou seja, D. João (futuro rei), D. Isabel e D. Beatriz. Só pode ter sido representação do reinado de D. Manuel. Em 1527, D. João já é rei (III), e não príncipe, e D. Beatriz e D. Isabel já não se encontram em Portugal; casaram e partiram, respectivamente para Sabóia (1521) e para Castela (1526).

No entanto, não partilho os argumentos de Braamcamp Freire para a datação do auto. Este estudioso indica o dia 4 de Março de 1511 como data da primeira representação de *Fadas* por ter sido nesse dia o Entrudo. Leva-o a apontar o Carnaval o facto de ser uma festa que permite a *mascarada de uns sessenta bichos*, que é a sua leitura das *sortes* por planetas e animais. Mais à frente darei a minha interpretação daquele jogo. Adianto uma hipótese de público previsto: rei D. Manuel, rainha (D. Maria?), príncipe D. João, infantas D. Isabel e D. Beatriz. Pelo menos mais trinta e seis homens e vinte e três mulheres. O infante D. Fernando pode estar presente e o seu planeta ser Mercúrio, como em *Exortação*:

*senhor ifante dom Fernando  
vosso signo é de prudência  
Mercúrio por excelência  
favorece vosso bando.*

158a

Avanço a possibilidade de ter assistido à representação a rainha D. Leonor, viúva de D. João II, irmã do rei e protectora de Gil Vicente. A omissão de dois planetas no final do auto, quando se distribuem as *sortes*, pode cobrir esta hipótese: um dos planetas que faltam seria destinado à rainha viúva.

O auto encena uma prática com pena prevista nas *Ordenações Manuelinas*. Mas a feitiçaria é feita no paço e na presença do rei e da corte. A transgressão é sempre motivo de cómico.

A defesa da feiteira é pretexto para um desenrolar de intrigas da *vida do paço*, nomeando pessoas identificáveis que talvez estejam a assistir ao auto. Este jogo é mais tarde reutilizado no sermão do frade pregador.

Não é novidade teatral a nomeação de pessoas da corte, possíveis espectadores. É um processo que se repete noutros autos de Vicente: *Velho, Exortação, Cortes, Nau, Frágoa, Romagem, Clérigo*. E é sempre um momento cómico.

Pode tratar-se de um dos autos indicados no *Rol dos livros defesos* (1551), e estar nomeado entre outros de Gil Vicente. Transcrevo a indicação dos que têm a palavra auto e pela ordem em que aí se encontram mencionados.

*O auto de dom Duardos que nom tiver censura como foi emendado.*

*O auto de Lusitânia com os diabos/sem eles poder-se-á emprimir.*

*O auto de pedreanes/por causa das matinas.*

*O auto do Jubileu d'amores.*

*O auto da aderência do paço.*

*O auto da vida do paço.*

*O auto dos físicos.*

Ao contrário do que o título poderia sugerir – *vida do paço* – a censura actuaria não porque se punham a ridículo pessoas da nobreza e se desvendavam segredos (públicos) de amor, mas sim porque o teatro representava o proibido: a bruxaria e a heresia. A censura é aqui legalista, e não moralista.

Na reedição da *Copilaçam*, em 1586, censurada pela Inquisição, o texto do auto desaparece integralmente.

A «técnica teatral» utilizada é a dos «números soltos». Considero sete momentos na estrutura do auto:

- I Feiticeira
- II Feiticeira + Diabo
- III Feiticeira + Diabo + Frades
- IV Frade
- V Feiticeira + Diabo
- VI Feiticeira + Diabo + Fadas
- VII Fadas

Esta estrutura afigura-se perfeitamente paralela e simétrica, num esquema de personagens em cena de 1, 2, 3.

A articulação dos momentos é feita por números soltos da Feiticeira: a feita de feitiços e a proferição da ladainha.

Como em outros autos de Vicente, coexistem nesta farsa várias formas literárias isoláveis e que constituem unidades: Monólogo, Sermão, Ladainha, Cantiga, Oração, Sortes.

**Monólogo:** é o grande número de abertura. São cerca de duzentos versos em redondilha maior que constituem uma das maiores falas dos autos de Vicente para mais de um actor. A Feiticeira apresenta-se, interpela o público, queixa-se, defende-se, profere palavras mágicas e programa o auto.

**Sermão:** trata-se de um sermão burlesco, prática parateatral comum na Idade Média e que Gil Vicente ainda utilizou nalguns dos seus autos (*Mofina* – a abertura; *Fadas* – um número intermédio; e um auto que é um sermão – *Pregação*).

A prática de *homem leigo pregar sermão* era habitual na festa de Santo Estevão, a 26 de Dezembro, e o poder sempre tentou censurar esse teatro. Em 1500, as *Constituições do Bispado da Guarda* referiam o *abominável costume* de os homens leigos levarem para dentro das igrejas *jograees, os quaes mandam poer e poem no pulpeto da ygreja, donde dizem muitas desonestidades* (cito por Mário Martins 1978). Nas trovas *D'Álvaro de Brito a Luís Fogaça sendo vereador na cidade de Lisboa, em que lhe dá maneira para os ares maus serem fora dela*, incluídas no *Cancioneiro Geral*, também o poeta denuncia que os

*estudantes pregadores  
metem santas escreturas  
em sermões  
dirivados em amores  
fazem de falsas seguras  
tentações.*

E aconselha:

*quando virem tal caminho  
de má pregação s'afastem  
os que ouvem  
dem-lhe todos de foçinho  
tais metáforas contrastem,  
e deslouvem.*

**Ladainha:** é entoada pela feiticeira enquanto espera pelas fadas. O refrão é o mesmo do da ladainha de todos os santos.

**Cantiga:** música diegética que vem a propósito, faz sentido narrativo. Não é música que aparece como remate. Pode ser, como em *Frágoa, feita polo autor ao propósito*.

**Oração:** é rezada pelo frade infernal a Cupido. O invitatório que a inicia não pertence a nenhum dos salmos. As referências bíblicas aparecem contudo no interior das duas estrofes que compõem a oração: o salmo LXXXIV. O mesmo salmo é referido em *Romagem* e traduzido em *Alma*.

**Sortes:** Gonçalves Viana (1906) define-as como um *Jogo de sala no qual cada fidalgo tomava por sua divisa o nome de uma ave ou de outro animal*. Há semelhanças com as trovas feitas por Garcia de Resende para um jogo de cartas, a pedido do rei D. Manuel, para um serão. Leitura em voz alta pela pessoa a quem saiu a sorte (implica que toda a assistência saiba ler, o que acho pouco provável). A do rei e as das outras pessoas reais não podem ser distribuídas ao acaso. Ao rei é atribuído o planeta Júpiter, como é da sua condição: *rex regnum, Dominus Dominantium*, como se diz em *Feira*. Em *Serra* existe o mesmo jogo, mas entre personagens do auto:

Ermitão . *Filhas aqui estais escritas  
filhos tomai vossa sorte  
e cada um se comporte  
dando graças infinitas  
a Deos e a el rei e à corte.*

172d

*Tirou o Ermitão da manga três papelinhos escritos e os deu aos pastores que tomasse cada um sua sorte ...*

As personagens: todas as deste auto encontram correspondente noutros autos do autor.

**Feiticeira:** na comédia de *Rubena* (1521), há também uma feiticeira que faz feitiços em encruzilhadas, e manda vir quatro diabos que vão ter por missão ir buscar fadas. É exactamente como em *Fadas*. Tem afinidades com uma outra personagem mais comum no teatro de Gil Vicente – a alcoviteira.

**Fadas:** numa *Arenga ou Relação das Festas que se fizeram na cidade de Évora no prazo do casamento do Príncipe D. Afonso*, composta por Aires Teles de Menezes, há notícia de Fadas que fadam a realeza:

*. Aqui as fadas estavam  
segundo lhe coube em sorte  
que à princesa fadaram  
cada qual de sua sorte.*

Em *Triunfo do Inverno* há duas sereias, nome por que também são designadas as *fadas marinhas* no *Auto das Fadas*.

**Frades:** o auto parece estar muito próximo da feitura de *Exortação da Guerra* (1513). O início é semelhante – um frade nigromante (de actividade paralela à feitiçaria) vai fazer bruxedos na presença do rei, revela os seus poderes, diz por que o faz, e por artes mágicas chama até si dois diabos com a missão de irem ao buscar personagens inferno. O mesmo acontece em *Fadas*. Noutros autos de Vicente a figura do *Frade* é retomada com variações: o *Frade doudo*, o *Clérigo*, e até um muito próximo deste frade pregador no *Auto dos Físicos*.

**Diabo:** pode ser o primeiro representado por corpo no teatro de Gil Vicente. Já antes, em 1506, tinha sido dito por palavras na *Pregação: aquellas visiones de nuestro enemigo*. É um diabo que vem do Inferno e de França. Esta justaposição pode ter tido um sentido que hoje nos escapa.

*Fadas* é um auto apenas referido e (pouco) estudado devido ao dialecto falado pelo diabo – o picardo.

Gil Vicente pode ter ouvido a língua em som directo, através de diplomatas portugueses que se deslocavam frequentemente a França, nomeadamente João da Silveira, que se sabe ter estado nesse país nos fins de 1509 ou em 1510. No entanto, parece-me mais plausível que conhecesse aquele dialecto por via escrita, já que, se em letra impressa a rima está desenhada, o mesmo não acontece na oralidade dos versos. No *Cancioneiro Geral*, Diogo Zeimoto,

zombando da atitude ridícula de Nuno Pereira que quis evidenciar grandes conhecimentos de etiqueta ao intitular o Príncipe de *Peralteza*, afirma:

*Eu andei já Picardia* 163'  
*e a terra do Dalfim*  
*França e a Lombardia*  
*e tam gram sensaboria*  
*nam s'achara como em mim.*  
*com toda minha frieza*  
*nom sam eu tam sensabor*  
*qu'escrevesse peralteza*  
*do princepe nosso senhor.*

É pois possível que Gil Vicente estivesse em permanente contacto com os homens da corte que viajavam por França e por eles conhecesse a língua estrangeira. Osório Mateus (1989) põe a hipótese de Gil Vicente conhecer teatro europeu seu contemporâneo evidenciando os exemplos de modelos franceses que se encontram em forma de *ũa enselada que veio de França*, no auto da *Fé*, de *cantiga francesa*, no auto dos Quatro Tempos, e ainda patente nas línguas faladas pelo Francês do auto da *Fama* e pelo Diabo no auto das *Fadas*.

A farsa encena um jogo de cumplicidades entre público e actores. A dinâmica desse jogo assenta em matéria do foro amoroso, lembrando os divertimentos do género referidos no *Cancioneiro Geral*. Ponho a hipótese de não se tratar de um projecto pensado como um todo, mas sim de um aproveitamento de material pré-existente que foi articulado e desenvolvido. Sabe-se por outros autos que Gil Vicente adiava ideias e projectos para momentos talvez mais oportunos. Disso nos dão conta os finais de *Frágoa*:

Copido . *Vámonos no eñademos* 156b  
*cantando a nuso placer*  
*y nuestra fragoa llevemos*  
*que lo que está por hacer*  
*otro día lo haremos.*

e de *Clérigo*:

Pedr'Eanes . *E ao que quereis saber* 238d  
*das damas e amadores*  
*o domingo que vier*  
*eu direi quanto souber*  
*delas e seus servidores.*

Não há dúvida de que o que se anuncia corresponde ao programa de *Fadas* – o desvendar de casos amorosos. Mas *Clérigo* é de 1526, e, como disse atrás, *Fadas* é um auto do período manuelino. Há outros autos com afinidades: *Nau*, *Devisa*, *Mofina*.

Apresento o texto integral, transcrito da *Copilaçam* de 1562, fólhos 207 a 213'. O texto do auto será intercalado com comentário e análise. As citações dos textos de autos de Gil Vicente, bem como a transcrição de *Fadas*, são feitas pela edição fac-similada da *Copilaçam* de 1562, editada pela Biblioteca Nacional em 1928; os números e letras que se encontram na margem direita do texto transcrito, ou em texto citado, entre parêntesis, indicam os fólhos e colunas.

O auto abre com uma personagem feminina que faz um percurso num determinado espaço. Não se sabe onde começa, mas acaba junto do rei. Fala ao mesmo tempo que anda: *entrando* (rubrica 207.05), *como lá vá* (207a10), *como vou* (207a19), *chega a el rei* (rubrica 207a27).

*Na farsa seguinte se contém que ãa feiteiceira temendo-se que a prendessem por usar de seu ofício se vai queixar a el rei mostrando-lhe per rezões que pera isso lhe dá quam necessários são seus feitiços. E entrando ela no paço embaraçada de se ver nele começa dizendo:*

*. Jesu quem trouxe ora cá  
esta cabeça de vento  
siso de cacaracá  
eu nam sei como lá vá  
tamanha vergonha sento.  
e pois sam tam vergonhosa  
encolhida e temerosa  
que venho fazer ò paço  
porque eu mesma m'embaraço  
de mimosa*

207a

*ai que farei d'empachada  
oh vergonhosa de mi  
como vou abrasiada  
amara corrida e torvada  
mas pressa me traz aqui  
onde nam vejo lugar  
em que homem queira mijar  
nem ousa espirrar somente  
por alguém nam se soltar  
antre gente*

*Chega a el rei e à rainha e diz:*

*senhores embora estedes  
com saúde com prazer  
muitos anos vós logredes  
os ramos que floredes  
Deos os queira engradecer*

Ao príncipe  
 e ifantes  
 Às damas

*assi como vós queredes.  
 oh que jóias esmaltadas  
 oh que boninas dos ceos  
 oh que rosas perfumadas  
 Jesu que santas douradas  
 bom prazer veja eu de vós  
 e boas fadas*

Depois de ter elogiado a família real com encómios de circunstância, a feiticeira vai agora apresentar-se, dizer quem é e o que faz, a razão por que ali está. Fala directamente para o rei utilizando várias formas de tratamento, sendo de salientar *vossa majestade* por ser fórmula pouco comum na primeira metade do século XVI. Diz-se praticante das virtudes cristãs (o *bem*, a  *piedade*) e apela ao poder real para que reconheça a oportunidade do seu ofício: uma actividade praticada ao longo de quarenta anos, ao serviço da corte (*nas tripas do paço*) não pode ser assim interrompida por uma lei mandada aplicar por *Estevam Dias*, um *negro meirinho*.

Durante a longa exposição, Genebra Pereira anuncia já o programa do auto – as fadas. São várias as referências a estas entidades: *as bem fadadas*, por exemplo, que traz à memória o voto formulado pouco antes às damas.

No seu monólogo, a feiticeira interpela pessoas e objectos ao longo de 54 pares de versos rimados, agrupados em estrofes, numa forma que não tem paralelo em nenhum outro auto de Vicente. O último verso de cada uma rima só com o primeiro da seguinte.

*eu sam Genebra Pereira  
 que moro ali à Pedreira  
 vezinha de Joam de Tara  
 solteira já velha amara  
 sem marido e sem nobreza  
 fui criada em gentileza  
 dentro nas tripas do paço  
 e por feitiços que eu faço  
 dizem que sam feiticeira*

207b

*porém Genebra Pereira  
 nunca fez mal a ninguém  
 mas antes por querer bem  
 ando nas encruzilhadas  
 às horas que as bem fadadas  
 dormem sono repousado.  
 e eu estou com um enforcado  
 papeando-lhe à orelha  
 isto provará esta velha  
 muito melhor do que o diz*

*ora agora Estevam Diz  
diz que defendedes isto  
ui dou-vos a Jesu Cristo  
pera que era ora tirado  
quanto tenho esprementado  
e usado quarenta anos.  
estorvado muitos danos  
per esconjuros provados  
fazendo vir dez finados  
por saber ãa verdade*

*e havendo piedade  
de mulheres mal casadas  
e as ver bem maridadas  
ando polos adros nua  
sem companhia nenhũa  
senam um sino samão  
metido num coração  
de gato preto e nam al  
isto senhor nam é mal  
pois é pera fazer bem*

*outro si quando a mi vem  
namorado sem conforto  
desejando antes ser morto  
que ter aquela paixão  
cavalgo no meu cabrão  
e vou-me a Val de Cavalinhos  
e ando quebrando os focinhos  
por aquelas oliveiras  
chamando frades e freiras  
que morreram por amores.  
oh se visseis os temores  
que passo nesta canseira  
nam temeria a Pereira  
tanto os corregedores*

207c

Na estrofe seguinte pode estar contida uma forma de comicidade que assenta, por um lado, na homonímia dos nomes comum e próprio que referem a fidelidade no matrimónio e, por outro, na memória da ironia construída sobre a mesma homonímia no *Auto da Índia*.

*sempre ando neste marteiro  
vem-se a mi homem solteiro  
que quer casar com Costança  
sem nenhũa esperança*

*triste morto de paixão.  
e eu c'o sangue do lião  
mexido c'o rabo da huja  
e ali o fel da curuja  
ei-lo mancebo aviado.  
vem um frade escomungado  
que o benza do quebranto  
vou e faço-lhe outro tanto  
assi senhor vej'eu prazer*

Terminada a lista de tormentos por que passa ao serviço do bem, Genebra Pereira enuncia casos concretos de pessoas da corte que se valeram ou necessitariam dos seus préstimos. Quase de certeza que as pessoas nomeadas se encontram no paço a assistir à representação. Não podemos hoje saber o modo como reagiram ao ouvir os seus «segredos» revelados por uma velha que os torna alvo de riso.

*vem a modo de dizer  
Gonçalo da Silva a mi  
e diz-me que é fora de si  
pola Francisca da Guerra  
querês que seja eu tam perra  
que o nam encomende ô demo  
que o livre do extremo  
em que é posto seu esprito?  
e se vier Gaspar de Brito  
por Caterina Limão  
nam irei no meu cabrão  
enfeitiçar a Limeira?*

*e assi desta maneira  
se vier o Marichal  
por Guiomar do Ataúde  
buscar a minha saúde  
é per força pôr-me a risco  
e se me rogar dom Francisco  
que lhe enfeitice a Beneni  
s'eu nam for muito roim  
nam lhe posso negar cousa.  
e lá o Martim de Sousa  
que morre pola Perimintel  
nam lh'hei-de ser infiel*

207d

*assi que as tais feitiçarias  
são senhor obras mui pias  
e nam há mais na verdade*

*saiba vossa majestade  
quem é Genebra Pereira  
que sempre quis ser solteira  
por mais estado de graça.  
agora nam sei que faça  
co' este negro meirinho  
rosto de sam Sadorninho*

Anuncia-se um programa: este *one woman show* vai aproximar-se da sua parte mais espectacular. Diante do rei, e talvez dos corregedores, vai ser representada a transgressão, vai fazer-se o que é proibido para divertimento dos que proibem.

O que se segue na actuação da feiticeira é inédito e fantástico. Como um número de circo, necessita de aviso prévio. Antes de sair, Genebra Pereira, maliciosamente, recomenda às damas que se sirvam dos seus servidores.

*ui amara e que me quer  
se vossa alteza quiser  
ver os feitiços qu'eu faço  
aqui logo neste paço  
os veredes muito asinha.  
e vós senhora rainha  
infantes e cortesãos  
levantai aos ceos as mãos  
esforçai e nam pasmedes  
das más cousas que veredes*

*esperade um pouquinho  
estade assi manas quedas  
vou polo alguidarinho  
a candeia e o saquinho  
e veredes labaredas.  
se vos tremerem as peles  
d'espantos e de temores  
í estão vossos servidores  
encostade-vos a eles  
e cobride-vos d'amores*

*Traz a feiticeira um alguidar e um saco preto em que traz os feitiços*

São vários os objectos necessários, alguns deles referidos como malignos e defesos de estarem em posse de pessoas em *Constituições* de Arcebispados do século XVI. Era também interdito lançar sortes para adivinhar, especialmente em encruzilhadas. Ora é a isso mesmo que o rei vai assistir.

*os quais começa a fazer dizendo:*

*alguidar alguidar  
 que feito foste ao lûar  
 debaixo das sete estrelas  
 com cospinhos de donzelas  
 te mandei eu amassar.  
 ó cospinhos preciosos  
 de beiços tam preciosos  
 dai ora prazer  
 a quem vos bem quer  
 e dai boas fadas  
 nas encruzilhadas*

*este caminho vai pera lá  
 est'outro atravessa cá  
 vós no meo alguidar  
 que aqui cruz nam há-d'estar*

*embora esteis encruzilhada  
 per'equi entrou per'eli saiu  
 bem venhades dona honrada  
 vai a estrada pola estrada  
 benta é a gata que pariu.  
 gato negro negro é o gato  
 bode negro anda no mato  
 negro é o corvo e negro é o pez  
 negro é o rei do enxadrez  
 negra é a vira do sapato  
 negro é o saco que eu desato*

*isto é fersura de sapo  
 que está neste guardanapo  
 eis aqui mama de porca  
 barbas de bode furtado  
 fel de morto escomungado  
 seixinhos do pé da forca.  
 bolo de trigo alqueivado  
 com dous ratos no meu lar  
 per minha mão sameado  
 colhido moído amassado  
 nas costas do alguidar*

*achegade-vos a mim  
 que papades meu querubim?  
 escumas de demuninhado  
 quem vo-las deu?*

*dei-vo-las eu  
 fel de morto meu conforto  
 bolo cornudo vós sabedes tudo  
 bico de pego asa de morcego  
 bafo de drago tudo vos trago  
 eu nam juro nem esconjuro  
 mas galo negro suro  
 cantou no meu monturo  
 e ditas as santas palavras  
 ei-lo demo vai ei-lo demo vem  
 co' as bragas dependuradas.*

Segundo momento: o diabo picardo. Pode tratar-se de uma língua inventada, com base no francês, e apenas se pretender o efeito de *aravia*. Para a feiticeira o diabo é da *Turquia*, fala *latim* e é *alemão*.

Na literatura europeia contemporânea de Vicente, o picardo surge já como língua de marca de personagem para produzir efeito de cómico, como na farsa de *Pathelin* e em Rabelais.

Paul Teyssier (1959) diz tratar-se de uma tentativa de registar o dialecto picardo. No *Auto da Fama* a personagem que fala francês tem um discurso que pouco se aproxima da língua francesa. Em *Fadas* o diabo apresenta marcas que são indubitavelmente do picardo: os verbos transitivos com auxiliar *avoir* em vez de *être*, a passagem do grupo *el a iau*, a forma *aveu* em vez de *avec*, os grupos *chi, che* que evoluíram dos grupos latinos *ci, ce*. Por outro lado, não nos podemos esquecer que se trata de um divertimento teatral destinado a um público que, na sua maioria, não fala outra língua que não o português e o castelhano. Por isso se encontram misturadas com expressões do francês outras portuguesas adaptadas à sonoridade francesa.

Se quando a língua é a portuguesa existem problemas de transcrição, quando a língua é estrangeira os problemas aumentam. Daí que nas falas do diabo tenha optado por uma transcrição diplomática na coluna da esquerda, e por uma tentativa de interpretação, na coluna da direita.

*Vem um diabo a chamado da feiticeira o qual lhe fala em língua picarda desta maneira:*

<p><i>. Ó dame jordene          vu seae la bien trovee          tu es fause té humèyne          sou ye vous esposee.</i></p> <p>Feiticeira</p> <p><i>. Que lingoagem é essa tal?          ui e ele fala aravia          olhede o nabo de Turquia          falade aramá Portugal.</i></p>	<p><i>Oh dame j'ordonne/jordaine          vous soyez la bien trouvée          tu es fausseté humaine          souyez vous épousée</i></p>
--	---

Diabo	. <i>Tu as fet biauco de mal aveu un frayre jacopim.</i>	<i>Tu as fait biaucoop de mal aveu un frère jacopin</i>
Feiticeira	. <i>Má pesar vej'eu de ti dize má trama te naça que dizes que nam t'entendo fazes escárneo de mim ora juro a Deos que é graça ò demo que t'eu encomendo camanho tu estás í.</i>	
Diabo	. <i>Macarele de limosim tripiere de sancto Ouim.</i>	<i>Maquerelle de limousin tripière de saint Ouin</i>
Feiticeira	. <i>Dá ò demo esse latim que nam entendo o que é.</i>	
Diabo	. <i>Tu nas oy tene vergonhe.</i>	<i>Tu n'as oi tenez vergogne</i>
Feiticeira	. <i>Que fiz eu?</i>	
Diabo	. <i>De tois le sães en aute vois.</i>	<i>De toi les seíns en haut te vois</i> 208c
Feiticeira	. <i>Vós me diredes depois o que isso quer dizer.</i>	
Diabo	. <i>Tu aspete de bem la mer.</i>	<i>Tu as pété dedans la mer</i>
Feiticeira	. <i>Ui pété que pode ser esta que lingoagem é?</i>	
Diabo	. <i>Tan sant y xi noble en trapisu.</i>	<i>Tant sainte et chi noble entreprise</i>
Feiticeira	. <i>Viste-lo demo em que vem.</i>	
Diabo	. <i>E la ribalde norrem y puis gessa venu.</i>	<i>Et la ribaud n'entend/eu rien et puis je suis venu</i>
Feiticeira	. <i>Pois pera que vieste tu senam pera serviços meus?</i>	
Diabo	. <i>Dime tos xem que tu veus fame dum vilhem cocu.</i>	<i>Dis-moi tout che que tu veux femme d'un vilain cocu</i>
Feiticeira	. <i>Quem viu diabo alemão dize rogo-to bargante mau quebranto te quebrante não falas doutra feição por vida de Genebra Pereira velha ladra alcoviteira que chame o nome de Jesu.</i>	
Diabo	. <i>Eu eu que dile tu.</i>	<i>Eu eu que dis là tu</i>
Feiticeira	. <i>Esconjuro-te malino nembro da ira de Deos pola terra e polos ceos e por teu malvado sino tu hás-me-de responder.</i>	

O encantamento parece resultar, pois o diabo fala agora em português. Poder mágico ou erro de tipógrafo? O segundo verso não rima com nenhum outro.

Diabo . *Oh que maldita mulher  
que me queres infernal?*

A feiticeira, pelo sim, pelo não, resolve namorar o diabo para continuar a entendê-lo.

Feiticeira . *Quero-vos mano entender  
minha rosa vinde cá  
meu quebranto dai-m'a fé  
que me nam faleis por lá  
e adoro o rabo de boi.*

Diabo . *Te toy te toy  
tu merum la caboxes.*

*Tais-toi tais-toi  
tu me romps la caboche*

Feiticeira . *Falai aramá português  
até 'qui estou zombando  
tu há-s-d'ir onde t'eu mando.*

Diabo . *Irei inda que me pês.*

Feiticeira . *Vai logo às ilhas perdidas  
no mar das penas ou vinhas  
traze três fadas marinhas  
que sejam mui escolhidas  
parte logo ora sus.*

208d

Diabo . *Tu as desataque la pendus.*

*Tu as desataqué la pendu*

*Vai-se o diabo e a feiticeira torna às feitiços dizendo:*

*. Que fazeis relíquias minhas  
nesta agoa clara metidas?  
havedes mister mexidas  
co' lixo das andorinhas.*

Vai começar o terceiro momento. Para surpresa e gozo do espectador o diabo volta, não das *ilhas perdidas*, mas do inferno onde foi buscar dois frades que ali se encontravam em penitência. Mais uma vez o espaço de representação parece permitir um percurso longo, pois só passados 64 versos estas personagens se juntam à feiticeira que tinha ficado só. A entrada das novas figuras, com o monólogo de um dos frades, assemelha-se à entrada inicial de Genebra Pereira. É de notar que fala apenas um dos religiosos, o que vai pregar o sermão. A *Copilaçam* utiliza abreviaturas diferentes: fr. pr., Fra. e Pre. Penso que correspondem à mesma personagem e que são de desenvolver em Frade pregador, Frade e Pregador.

*Vem o mensageiro e em lugar das fadas que lhe a feiticeira mandou trazer traz-lhe dous frades infernais, um deles tangendo ùa gaita e o outro foi pregador mas enquanto viveu foi muito namorado o qual diz logo:*

Frade . *Qué gran tormento me diste  
en traerme aquí mal punto  
ita vere.*

Diabo . *Qué hobiste?*

Frade . *Aquí nos hacen más triste  
que el infierno todo junto.*

O diabo picardo fala latim, assim como o frade castelhano. Este reflecte sobre o que daqui a pouco vai ser o tema do seu sermão. Mais uma vez uma personagem fala dos espectadores (*destos señores*) descobrindo que sofrem, como ele, de mal de amores. A associação entre morte e amor, de tradição poética medieval, é aqui parodiada, não chegando, no entanto, à crueldade evidenciada em *Velho da Horta*.

Diabo . *Per quam regula diremos.*

Frade . *Porque muy cierto sabemos  
quia dedit Deus potestatem  
a las damas que nos maten  
y nos que las adoremos*

*más me lastima el dolor  
que tengo destes señores  
porque supe que es amor  
que no el infernal ardor  
de los tormentos mayores.  
como basta sufrimiento  
al namorado tormento  
si el amor es apurado  
que no lo mata el cuidado  
y ahoga el pensamiento*

209a

*esto es lo que yo sé  
y usé cuando veía  
desto tal os daré fe  
esto es lo que estudié  
esta era mi librería  
aquestas contemplaciones  
eran siempre mis liciones  
y en esto gasté mis años  
predicando con sermones  
la grandeza de mis daños*

*con lágrimas dolorosas  
dentro de mi oratorio  
contemplando en las hermosas  
al cabo de ciertas prosas  
decía este vitatorio*

*al santo templo d'amor  
donde las almas perdemos  
venit todos y adoremos*

Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1949) identificou este invitatório com o do hino *Adeste fideles*, que figura no *Manual da Missa em Concanim*.

*venid de gana muy leda  
a la triste devoción  
donde mata la pasión  
y siempre la vida queda  
para más luenga prisión  
y pues la tal perdición  
por ganancia la tenemos  
venit todos y adoremos*

*adoramos y exalzamos  
a aquéllas que nos mataron  
opera manum suarum  
son los sospiros que damos  
in hac vita lachrimarum  
a las que mal nos trataron  
pues por diosas las tenemos  
venit todos y adoremos*

Terminou a oração. As personagens estão agora perto da feiticeira e o frade imiscui a mitologia pagã na cristã.

*prima terciá sexta y nona  
rezaba daquesta suerte  
porque siempre mi persona  
desque hecho de corona  
fue d'amores a la muerte  
cantaba te Deum laudamus  
con los ojos en Copido  
diciendo a ti adoramos  
los que sin ventura estamos  
con tanto tiempo servido.*

209b

A feiticeira está, como sempre, de mau humor. Roga uma praga ao ver que o

diabo lhe desobedeceu, trazendo frades em vez de fadas. A dificuldade de comunicação entre o diabo e a feiticeira gerou um jogo cômico de paronímia que origina o desentendimento e a troca das figuras pedidas.

*Chegam onde está a feiticeira e ela vendo-os diz:*

Feiticeira	. <i>Mau somiço e mau marteiro venha por tuas queixadas eu mandei-te polas fadas e tu trazes-me um gaitero e estes frades a que vem?</i>	
Diabo	. <i>Vus ma ves dexem.</i>	<i>Vous m'avez dit che</i>
Feiticeira	. <i>Assi vivas tu amem.</i>	
Diabo	. <i>E peme foy xiaa.</i>	[?]
Feiticeira	. <i>Venhas muitieramá com tuas balcarriadas nam te dix'eu a ti fadas?</i>	
Diabo	. <i>Fradas.</i>	
Feiticeira	. <i>Fadas.</i>	
Diabo	. <i>Frades.</i>	
Feiticeira	. <i>Ainda vos aprofiades.</i>	
Frade	. <i>Dadnos algo que hacer o nos enviad al infierno.</i>	
Feiticeira	. <i>Que hás-de fazer? dou-t' ò demo eu nam t'havia mister</i>	

A distinção entre dois mundos, vida e morte: *acá* e *allá*. A dicotomia ordem / caos expressa em *predicador / tecelão* é motivo corrente no teatro do autor, exemplificado de forma magnífica em *Tormenta*.

A feiticeira, privada por enquanto das fadas, decide-se por um pragmatismo conformista e ordena ao frade que pregue um sermão às damas da corte. Não há fadas, mas frades. É o que há.

	<i>e lá que officio te dão a ti e ò teu tangedor?</i>
Frade	. <i>Acá fui gran predicador allá me hicieron tecelão.</i>
Feiticeira	. <i>Ora fazede um sermão muito breve a estas senhoras alto logo nessas horas tomai o tema dom ladrão.</i>

O sermão do frade retoma o tópico do amor no paço, apresentado pela feiticeira. Muitos dos homens referidos pelas duas personagens são poetas do *Cancioneiro Geral* de Resende – Gonçalo da Silva, Álvaro/Fernando Coutinho (o *Marichal*), D. Francisco conde do Vimioso, D. Luís de Meneses,

Juan de Saldaña – e são referidos noutros autos de Vicente. Assim como Genebra Pereira começou o seu monólogo com considerações gerais e só depois passou a enumerar especificidades, também o frade vai dividir o seu sermão em duas partes: uma geral, em que discorre sobre o poder do amor e das mulheres, e outra em que relata casos de pessoas, que podem estar presentes, e que confirmam a tese apresentada: o poder do amor é soberano e as mulheres não podem subestimar os comportamentos masculinos, especialmente quando se trata de portugueses.

É um sermão que segue as regras da oratória, com tema, tradução do tema, exórdio, etc. O tema é também paródia. Em vez de um versículo da Bíblia, um verso de Virgílio; em vez do sagrado, o profano: *Amor vincit omnia*. O hexâmetro de Virgílio é *omnia vincit amor et nos cedamus amori*. A inversão da ordem das palavras pode ser justificada por questões de ritmo, ou por a ordem das palavras em português ser sujeito + verbo + objecto.

### *Tema*

Frade . *Amor vincit omnia  
loco et capitulo  
jam per elegatis*

*discretas illustres señoras hermosas  
en cuyo servicio es justo el morir  
la verba del tema quiere decir  
el amor vence a todas las cosas.  
oh qué palabras tan maravillosas  
oh qué palabras de tanto saber  
escrebiólas el gran poeta Vergilio  
guardaldas señoras que es muy gran alivio  
a quien del amor se siente vencer*

209'

*porque son palabras de tanto misterio  
que ciega o alumbra la humana razón  
despida la vida cualquier corazón  
pues que vos tenéis sobre amor imperio.  
en muchos lugares do escribe Valerio  
que vuestro poderío no es humanal  
mas una gran fuerza sobrenatural  
que fuerza las fuerzas de nuestro hemisperio*

*Assoa-se com o seu guardanapo.*

Esta rubrica pode estar deslocada, por erro de tipografia. A sua ocorrência seria mais previsível quando a feiticeira enumera os objectos de que necessita para a sua prática e indica um guardanapo onde traz embrulhada *fersura de sapo* (208a28/29).

*haced ora allá esos niños callar*

O verso causa perplexidade. Que crianças são aquelas? É possível que sejam os infantes D. Luís e D. Fernando nascidos, respectivamente, em 1506 e 1507. O verso foi programado? Se sim, então o choro ou outro modo de interrupção por parte das crianças também o foi. Mas pode tratar-se de um improviso, ou de uma previsão, por parte de quem está habituado a poetar e a representar. Lembro que quando foi pela primeira vez representada a *Comédia do viúvo*, Gil Vicente tinha que ter preparados dois finais para o auto, pois cabia ao príncipe D. João decidir qual das figuras femininas casaria, e os versos tinham de respeitar a decisão do príncipe.

*amor vincit omnia hermanas prudentes  
el cual amor viene por tres accidentes  
sin vuestras mercedes seren de culpar.  
del uno es causa vuestro mirar  
y la hermosura que mira con vos  
el otro la gracia cuitados de nos  
que todas las cosas vencís a matar*

*el otro accidente que más atromienta  
rosas del mundo y más de sentir  
son los engaños del dulce decir  
con ciertos desvíos en cabo de cuenta.  
oh causadoras de tanta tormenta  
ñubes muy claras lloviendo sospiros  
sobre los tristes que para serviros  
no dudan la muerte ni temen afrenta*

*anda el discreto y noble persona  
Gonçalo da Silva mordiendo la tierra  
porque así lo ciega contino la guerra  
como si él fuese rocín de atahona.  
por eso está cara esta vuestra Lixbona  
porque señoras pecáis mortalmente  
convertere a Dominum que matáis la gente  
con dulces meneos y el hecho en Pamplona*

210

*anda el cuitado tan puesto nel hilo  
el Calataud por la Anriquez tal  
que dicen por él oh cirio pascoal  
que ya fuiste cera y ahora es pabilo.  
oh graciosas riberas del Nilo  
pietate vestra super omnes gentes  
dejadlos crueles inconvenientes  
que aunque grosero delgado lo hilo*

*no quiero olvidar don Luís de Meneses  
a que doña Leonor de Castro tien muerto  
que parece barco que vino del Puerto  
sin mantenimiento tres o quatro meses.  
dejad esas mañas de vuestos reveses  
señoras ne perdas animam vivam  
pues de sus ganas por vos se cautivan  
ut non dessoletur que son portugueses*

*oh Cristovan Freire leal caballero  
que a doña Ginebra tomó por su Dios  
que parece galgo de Puerto de Mós  
chupado d'estrías por ese terrero.  
y otros señores que nombrar no quiero  
quia non debemus de plaza decir  
que sufren las llagas del triste encobrir  
los cuales padecen tormento más fiero*

*pues por qué señoras no os confesáis  
que hacéis a los vivos morir por serviros  
hacéis a los muertos allá dar sospiros  
porque no están acá donde estáis.  
amor vincit omnia y vos lo causáis  
orbis terrarum et semitas maris  
oh diesas hermosas julgadas per Paris  
adónde se escriben las vidas que dais*

210'

*plega al señor Juan de Saldaña  
que tiene las llaves de vuestro paraíso  
que Dios le dé gracia que salgan de siso  
las llaves o vos o él o su caña.  
no es tiempo ahora de más predicar  
el que quisiere oír mi sermón  
vaya al infierno con gran devoción  
y desta manera se puede salvar*

*las cosas que os suelen ser encomendadas  
os encomiendo conviene saber  
todo el mal que pudieredes hacer  
haceldo señoras que hayáis buenas hadas.*

Terminou o sermão e com ele a intervenção deste frade. O frade que não fala, mas toca música também pode terminar aqui a sua actuação. Não há notícia de como ou quando saíram, mas é possível que acompanhem o diabo que parte a cumprir nova ordem da feiticeira.

Feiticeira . *Ora sus má criatura  
i-me logo polas fadas  
marinhas bem assombradas  
e tornai essa amargura.*

210c

Mais uma vez, antes de se dar início a um novo momento, a protagonista fica só em cena preenchendo o tempo, não com feitiços, como antes, mas com uma ladainha. O refrão da melopeia retoma o da ladainha de todos os santos. Antes de começar, Genebra Pereira tem nova oportunidade de se afirmar pessoa de bem:

*donde vindes? d'almolina  
que trazedes? farinha  
tornai lá que nam é minha*

*olhade a gente honrada  
que me trazia o ladrão  
um que foi amancebado  
alcoviteiro provado  
e um frade rafião.  
sabeis quam mal me parecem  
pessoas de mau viver  
mais qu'a moscas m'avorrecem  
nam nas posso ouvir nem ver*

*Tira ãas contas e diz:*

*praza à conjunção carnal  
de frei Graviel com Marta  
sua filha espiritual  
que me venha este enxoval  
que já d'esperar sam farta.  
e traga as fadas asinha  
ó senhora ladainha  
ajudade-me ora vós  
cabra preta vai por vinha  
vai por vinha mana minha  
te rogamos audi nos*

210d

*quando fordes à igreja  
nam vos esqueça a soberba  
tomad'ora meu conselho  
ó açoutes do conselho  
que estrearam meus avós  
te rogamos audi nos*

*ladainha da Pereira  
 escrita em pele de rata  
 tinta de pingo de pata  
 assada per mão de mogueira  
 ó picota da Ribeira  
 que estrearam meus avós  
 te rogamos audi nos.*

Segue-se o momento das fadas. São sereias que entram a cantar. Podem trazer caracterização e o espectador identifica-as imediatamente como seres marinhos. O movimento cénico é de conjunto; andam as três muito perto e com uma cadência própria, que leva a feiticeira a tangê-las como a patas. Penso que está também representada a água do mar.

*Vem as fadas marinhas cantando a cantiga seguinte:*

*. Qual de nós vem mais cansada  
 nesta cansada jornada  
 qual de nós vem mais cansada.*

Feiticeira . *Pitas pitas pitas pitas* 211a

*patelas patelas patelas  
 bem venhais minhas donzelas  
 lingoadas frescas fritas.*

Diabo . *Oo fauxe buxiere malvada* *Oh fausse busière malvada*  
*vaxites a buxions.* *voichi tes abusions*

Feiticeira . *Já tu tornas esses tons  
 tartaranha escomungada.*

Diabo . *Mi gene memie mi.* *Mi je ne m'ai mie mis*

Feiticeira . *Cal'-te eramá pera ti  
 e deixa-me a mi falar.*

*Diz às fadas: como vos vai nesse mar  
 Respondem as tam profundo e espaçoso?  
 sereas cantando: . Nosso mar é fortunoso  
 nosso viver lacrimoso  
 e o chegar reguroso  
 ao cabo desta jornada  
 qual de nós vem mais cansada  
 nesta cansada jornada.*

Novo indício de mau génio numa fala que interrompe o canto. Genebra Pereira não tem tido muita sorte com os seus interlocutores. Primeiro um diabo que não se faz entender, depois um frade que ela não esperava, e quando finalmente tudo parecia estar a correr bem, surgem-lhe personagens que cantam em vez de falarem.

Feiticeira . *Nam podedes vós falar  
que respondedes cantando?*

211b

*Cantam as fadas:*

. *Nós partimos caminhando  
com lágrimas sospirando  
sem saber como nem quando  
fará fim nossa jornada  
qual de nós vem mais cansada  
nesta cansada jornada.*

Diabo . *Melior cantele quien  
y le hoyssos de villee.*

*Melior cante le quien  
et l'oiseau de villée*

Feiticeira . *Cal'-te corvo de Noé  
que nam sabes que cousa é  
cantar mal nem cantar bem*

E Genebra Pereira recorre à linguagem persuasiva do namoro, como já antes tivera que fazer com o diabo, para que as fadas respeitem a sua vontade e cumpram o que lhes é devido.

*minhas flores da ribeira  
descanso desta alma minha  
rainhas da vida marinha  
honrade ora esta romeira.  
fadai de linda maneira  
este estrado de bôs fados  
que Deos lhos dará dobrados  
praza a ele que assi virá.*

Esta estrofe fornece indicações sobre o espaço de representação que coincide com o espaço representado: o estrado de onde o rei assiste à representação. É sabido que o mesmo espaço era construído para ser ocupado pela realeza em banquetes, festas, serões. Há uma divisão hierárquica que separa os espectadores. Daí que seja possível a metonímia no discurso para significar as pessoas que ocupam o estrado – o rei e a rainha. As fadas fadam em arte maior. O assunto é elevado, a forma dignifica-se. Os fados são apresentados em metáforas da natureza.

*Fadam as fadas el rei e a rainha cada ãa per sua vez. Diz a primeira:*

. *Os fados que deram ser às estrelas  
quando a terra estava vazia  
façam caminhos a vossa alegria  
per onde vos venha tam clara com'elas.*

211

*e aqueles fados  
que pera dar dita são determinados  
vos tragam as vossas das mais escolhidas  
e os instrumentos que alongam as vidas  
vos veja dobrados*

*os fados que deram orvalhos às rosas  
vesitem as flores do vosso estrado  
e todo o cuidar de triste cuidado  
nam hajam lugar nas altezas vossas.  
e aquelas fadas  
que tem as ribeiras de verde pintadas  
vos pintem as vidas d'alegre pintura  
e as altas sortes que parte ventura  
vos sejam guardadas.*

Fada segunda . *As cousas que fazem a terra parir  
lírios alvos e veas divinas  
cerquem os quadros de vossas cortinas  
e sempre vitória vos faça dormir.  
e a fada primeira  
que fez a fortuna geral despenseira  
e fez nossos mares e céos por medida  
vos faça gozar o gozo da vida  
de nova maneira.*

211'

Fada terceira . *As novas que temos nas ondas do mar  
são que na terra há pouca verdade  
e pois de verdades há má novidade  
por novidade as haveis de tomar.  
ora é pera ver  
tome vossa alteza qualquer que quiser  
que todo é verdade as sortes que são  
tomai desses sete planetas que í vão  
a que vos vier.*

*Aqui darão as sortes, primeiramente a el rei.*

Dos sete planetas anunciados apenas se encontram registados cinco. Como já referi atrás, Mercúrio pode ser um dos que faltam, e ser atributo do infante D. Fernando. Por outro lado, surge *Copido* que nunca integrou os conjuntos astrológicos. Não será por acaso que a sorte diz *Deos* em vez de *planeta*. Não é a primeira vez que Cupido é utilizado em autos de Vicente. Recordo que com poderes semelhantes aos anunciados neste auto se encontra a figura em *Duardos e Almocreves*.

d'el rei	<i>Jupiter. Este planeta escolhido escolheu porque é profundo o mais alto bem do mundo.</i>	211c
à rainha	<i>Sol. Muitos bens deu Deos na terra porém se este nam viera nunca nos amanhecera.</i>	
ao príncipe	<i>Copido. Este Deos é muito amado e adorado porque tem dominação sobre todo coração.</i>	
à ifante do- na Isabel	<i>Lũa. Esta senhora Diana tem do céu sua feitura e do sol a fermosura.</i>	
à ifante do- na Breatiz	<i>Vénus. A este planeta só olham todas as estrelas porque é mais clara qu'elas.</i>	211d

Terminada a série real segue-se a distribuição das restantes sortes pelo público. A primeira parte consta de trinta e seis aforismos amorosos destinados aos homens. Os animais terrestres são sorteados e a possível identificação do galante com o que lhe coube em sorte é motivo de riso e alegria. Os animais são de várias espécies e a mistura é ela própria motivo de graça poética, como no caso do cágado que *nam é carne nem peixe*. Há ainda dois animais fantásticos: *sagitário* e *olicórnio*, com referência à arma para a caça *desta rês* – uma donzela.

*Daqui a diante se seguem as sortes ventureiras dos galantes, per animais.*

*Camelo.  
Este alegres novas traz  
e leva tristes de si  
cada vez que vai daqui.*

*Marta.  
Aqueste animal é forro  
mostra-se de fora liso  
mas de dentro nam é isso.*

*Sagitário.  
Este tem dous corações  
lastimados de um pesar  
que nunca s' há-d'acabar.*

212a

*Arminho.  
Este animal é prezado  
de todo o mundo em geral  
e aqui fazem-lhe mal.*

*Cabra.  
Este animal se apacenta  
na mais áspera verdura  
por esprementar ventura.*

*Forão.  
Este há mester açamado  
porque é tam orgulhoso  
que passa de querençoso.*

*Podengo.  
Este animal alevanta  
a caça porque a cata  
porém sempre outrem a mata.*

*Rato.  
Este bonito animal  
nam sei que faz o coitado  
que sempre anda homeziado.*

*Cágado.  
Quem tiver este animal  
nam é muito que o leixe  
pois nam é carne nem peixe.*

*Camaleão.  
Tem este fraco animal  
tam estranho alimento  
que nam se farta de vento.*

*Lobo.  
Este morre com razão  
porque tal contraíro tem  
que emprega a morte bem.*

*Ouriço cacheiro.  
Este animal enganado*

*cuida que ama escondido  
e ele é mais conhecido  
rebuçado.*

*Porco montês.  
Este animal se recolhe  
às matas mais escondidas  
e lá lhe vão dar feridas.*

212b

*Veado.  
Este mui bravo animal  
em guardar-se tinha o tento  
mas amor furtou-lh' o vento.*

*Corço.  
Os saltos deste galante  
nam o poderão salvar  
dum mal que tem de passar.*

*Carneiro.  
Este se um amor o cobre  
d'í a pouco se trosquia  
e logo outro novo cria.*

*Porco espim.  
Destes há poucos na terra  
deve ser mui estimado  
da fortuna e namorado  
sem ter guerra.*

*Usso.  
Este animal tem ventura  
e dita porque é sofrido  
ca sofrer é gram partido  
se atura.*

*Lontra.  
Este nunca se contenta  
nem contente se verá  
porque quer o que í nam há.*

*Gato.  
Este animal é caseiro  
e nam quer bem a Copido  
tem amor a ser marido  
com dinheiro.*

*Lião.*  
*Este mui forte animal*  
*nunca sabe que é temor*  
*mas teme-se do amor*  
*e nam d'al.*

*Olicórnio.*  
*Esta rês é mui esquiva*  
*caça-se com ãa donzela*  
*e nam per outra cautela*  
*se cativa.*

212c

*Dromedário.*  
*Este traz grandes carretos*  
*e requiere seu proveito*  
*porém nam pede dereito.*

*Cavalo.*  
*Este animal furioso*  
*se namora sem conserto*  
*pois nam ama em lugar certo.*

*Galgo*  
*Este animal delicado*  
*nam sei por que cansa a vida*  
*trás quem tem certa guarida.*

*Lebrel.*  
*Este tem em pouco a vida*  
*e é bem que a dê barata*  
*pois quer ferir a quem mata.*

*Bogio.*  
*Este animal comprende*  
*quanto se pode cuidar*  
*porém o seu nam falar*  
*encobre e sofre o que entende.*

*Touro.*  
*Este nam sendo culpado*  
*é ferido*  
*e quanto mais, mais ardido.*

*Coelho.*  
*Este cativo animal*  
*é tam vivo namorado*  
*que há-de morrer ò cajado.*

*Raposo.  
Deste se devem guardar  
que se finge manco e torto  
e às vezes se faz morto  
por caçar.*

*Alifante.  
Aqueste só animal  
tem veas no coração  
onde lágrimas estão.*

212d

*Onça.  
Este ligeiro animal  
se de três saltos nam caça  
emproviso deixa a caça.*

*Azêmala.  
A vida deste animal  
é de noite em mejoada  
e pola menhã palhada.*

*Sendeiro galego.  
Este é bô servidor  
parece mui bem selado  
mas melhor é albardado.*

*Rafeiro.  
Este é falso e fagueiro  
sorrateiro  
quando virdes este cão  
levai sempre um pau na mão.*

*Doninha.  
Este nam é bem forão  
nem gineta nem esquio  
é um bichinho vadio.*

Depois dos galantes, as damas. São vinte e três as sortes disponíveis que devem corresponder a outras tantas mulheres. O jogo é o mesmo do dos homens. A identificação é cómica. São também utilizadas aves maravilhosas, como a fénix. A sorte anunciada pelo *Francelho* pode indicar o modo do jogo: leitura dirigida a alguém.

*Sortes das damas por aves.*

*Falcão.  
Esta ave tem crueldade*

*sem piedade  
e quem na quiser tomar  
tem muito que sospirar.*

*Garça.  
Esta ave é temerosa  
e fermosa  
e nam se toma per manha  
nem cai senam per façanha.*

*Melroa.  
Esta ave é namorada  
declarada  
e faz seu ninho de praça  
e tudo com muita graça.*

213a

*Rousinol.  
Esta ave tem seus amores  
com as flores  
dous meses nô mais no ano  
porém ama sem engano.*

*Águia.  
Esta vence o sol com a vista  
e cega toda relé  
que com ela tem mais fé.*

*Gavião.  
Esta ave é mui ligeira  
e lisonjeira  
desama logo por nada  
é fermosa e alterada  
em grã maneira.*

*Estorninho.  
Esta ave é de condição  
que se põe em grande altura  
e confia na ventura  
com razão.*

*Pomba.  
Esta ave parece santa  
porque é dissimulada  
mas no certo é refalsada.*

*Rola.  
Esta deseja casar*

*mas quer bem tam escolhido  
que temo que há-de ficar  
sem marido.*

*Pavão.  
Esta ave é tam namorada  
da fermosura que tem  
que sei certo que a ninguém  
tem em nada.*

*Fénix.  
Esta parceira nam tem  
só faz vida em forte mata  
e nam na mata ninguém  
ela se mata.*

213b

*Cirne.  
Esta ave segue um extremo  
que canta contra razão  
quando mata o coração.*

*Pega.  
Esta ave nunca sessega  
é galante e muito oufana  
mas a hora que nam engana  
nam é pega.*

*Ádem.  
Esta se tem por real  
é tam brava e tam esquiva  
que nam quer ver cousa viva.*

*Alvela.  
Esta avezinha fermosa  
faz que aguarda  
mas pardeos mui bem se guarda.*

*Francelho.  
Esta ave sempre peneira  
e nunca deita farinha  
tal sois vós senhora minha.*

*Andorinha.  
Esta ave bem assombrada  
é confiada  
seus amores vão e vem  
nenhũa certeza tem.*

*Calhandra.*  
*Esta nunca tem tristeza*  
*sobe-se no ar cada hora*  
*e canta porque outrem chora.*

*Oja.*  
*Esta ave segue um temor*  
*traz a relé assombrada*  
*porque cada hora é mudada.*

*Gaivota.*  
*Esta só ave se enfuna*  
*na fortuna*  
*nam teme mar nem tormenta*  
*naceu forra e vive isenta.* 213c

*Perdiz.*  
*Esta ave muito prezada*  
*é avisada*  
*e se a enganar alguém*  
*juro a Deos que caça bem.*

*Grou.*  
*Esta ave sempre vegia*  
*nunca dorme assossegada*  
*porque sonha noite e dia*  
*em ser casada.*

*Minhoto.* 213d  
*Esta ave diz-nos que viu*  
*mas nam pode ver mais bem*  
*que a dama que ora o tem.*

Como em outros autos de Vicente, é a música que assinala o fim do teatro. Diz a *Copilaçam*:

*E acabadas de dar assi estas sortes se foram todos com sua música e se acabou a dita farsa.*

*FINIS.*

Que eu saiba, depois da representação quinhentista de *Fadas* só na década de 80 do século XX é que as palavras deste auto voltaram ao teatro nos espectáculos *É menino ou menina?* de A Barraca em 1980, e *Lusitânia* de Persona em 1989.

## Referências

Anselmo Braamcamp FREIRE

1919 *Vida e Obras de Gil Vicente «Trovador, Mestre da Balança»*  
Porto

Mário MARTINS

1978 *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos.*  
Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa

Osório MATEUS

1989 *Pregação. Vicente*  
Lisboa: Quimera

I. S. REVAH

1960 «Vicente, Gil»  
*Dicionário de Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*  
Porto: Figueirinhas

Paul TEYSSIER

1959 *La Langue de Gil Vicente*  
Paris: Klincksieck

Carolina Michaëlis de VASCONCELOS

1949 *Notas Vicentinas*  
Lisboa: Ocidente

Aniceto Gonçalves VIANA

1906 *Apostilas aos Dicionários Portugueses 2*  
Porto: A. M. Teixeira